

Riszard Kapuscinski

O CORRESPONDENTE DE GUERRA

Texto **Alexandra Lucas Coelho**
Fotografia **Roger di Vito/Camera Press**

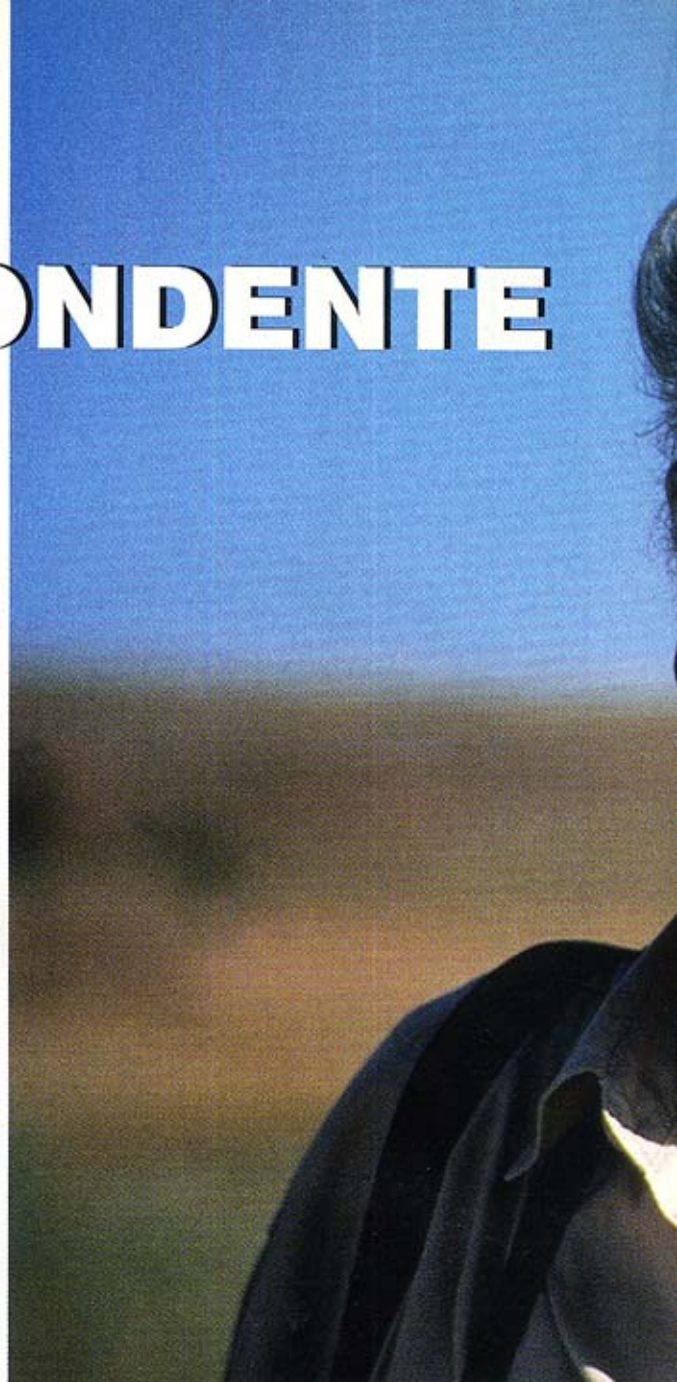
Desafiou os deuses muitas vezes, alguns preciosistas dizem que atravessou 27 revoluções. Voltou para contar como poucos. Parece um avôzinho polaco, mas é O Grande Repórter, O Correspondente de Guerra. Chama-se Riszard Kapuscinski e ainda escreve, rodeado de livros e protegido por rosas vermelhas.

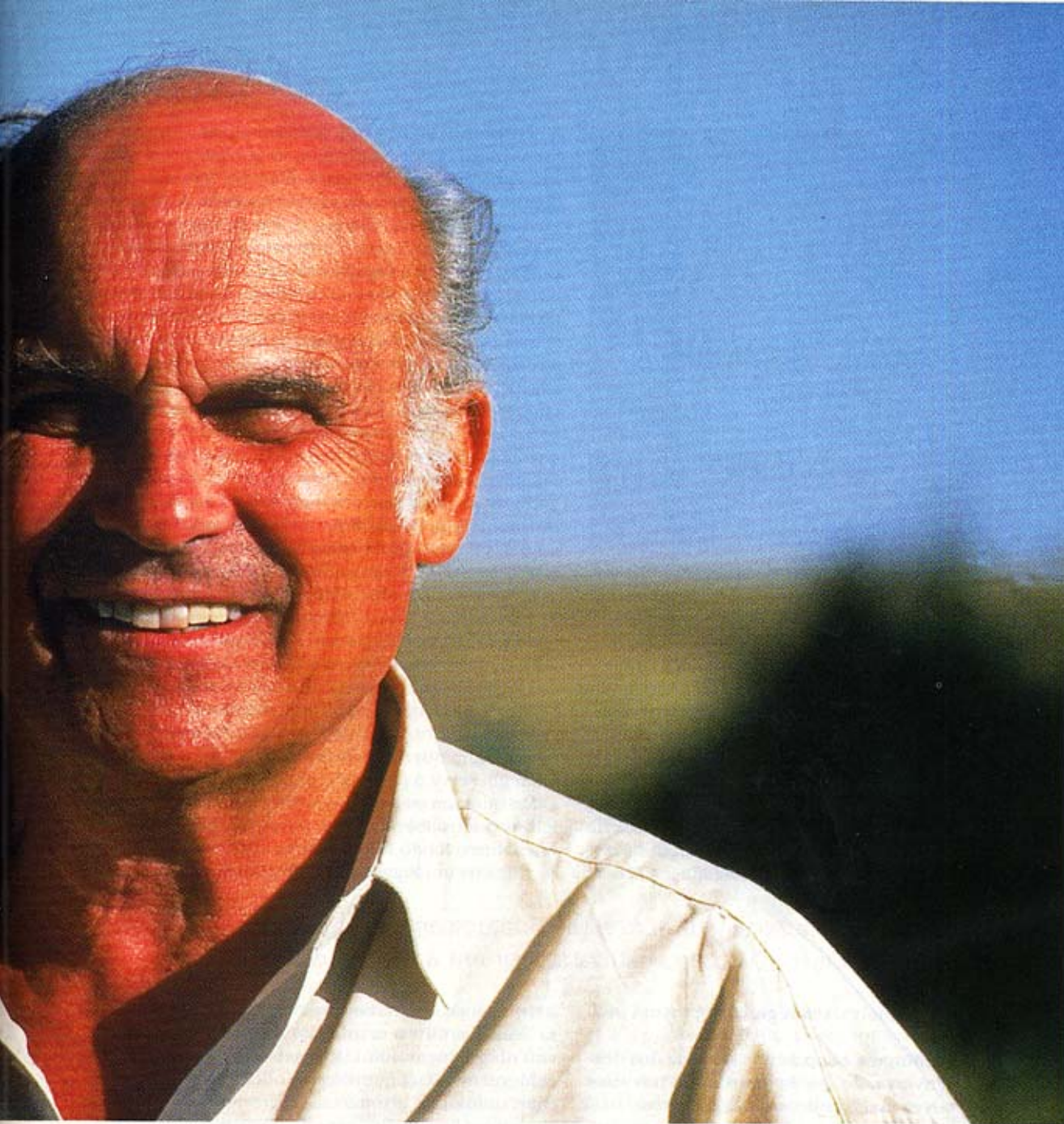
e

ntre cada imperador tombado há estas rosas vermelhas, no jardim da casa número 11 da rua Procuratorska. É uma rua furtiva, no centro de Varsóvia, mal se dá por ela. Tem árvores, pássaros a cantar, seis casas de um lado, cinco casas do outro. Uma paz, portanto. É aqui que vive quem está vivo por acaso, Riszard Kapuscinski, o homem com pequenos olhos de águia que um dia partiu para o Oriente e depois nunca mais esteve quieto. Entre os tombos dos impérios, ia passando por aqui. Atravessava as rosas vermelhas, subia as escadas e punha-se a escrever.

É o que está a fazer neste princípio de Verão. É por isso que está em casa. Felizmente. "Olá!", exclama ele em português, a acenar da varanda, "Vou abrir a porta". Quando o Terceiro Mundo estava a nascer, o repórter Kapuscinski estava lá e uma parte desse mundo falava em português. Ainda fala, mas menos. Ele lembra-se das palavras, mas também se lembra menos. Quando abre a porta e estende a mão, caloroso, é já em castelhano que começa a perguntar pela Guiné. Antes de pedir desculpa pela desarrumação, de oferecer café e de se debruçar sobre o belo mapa do Corno de África: "Comprei-o em 1961. Não é maravilhoso?" E sorri, com o dedo em cima da Etiópia.

As fronteiras de um grande repórter começam nos mapas e nunca mais acabam. Aos 65 anos, aqui está o homem que escapou a ser queimado pelos rebeldes da Nigéria, a ser congelado na solidão escura do Ártico, a ser fuzilado a caminho de Benguela, aqui está, não se deixem enganar pelas aparências. Este aparente avôzinho polaco, de voz suave e sobrancelhas inquietantes, andou a dissecar ditadores pelo mundo. E escapou com vida, como nas lendas. Por isso lhe chamam o maior correspondente de guerra, nas histórias que normalmente começam assim: "Atravessou 27 revoluções...". Talvez mais. Como se distinguem as revoluções dos golpes, as guerras das guerrilhas, a ascensão e a queda dos humanos Deuses Todos Poderosos? Por baixo do mapa do Corno de África há livros do antropólogo Levi Strauss. A toda a volta há livros, livros no chão, em cima dos tapetes, dentro de cestos, até nas estantes. Os que estão mais à mão, pelo soalho, na poltrona, em cima da mesa, são livros sobre África. Nas traves de madeira que seguram o tecto há retratos africanos, notas do repórter (também fotográfico) em África, papéis pendurados com molas de madeira: um estendal africano numa água furtada de Varsóvia. Assim já terão estados presos por uma mola Reza Pahlevi, o Xá do





Irão ou Hailé Selassié, o imperador da Etiópia. Quando Kapuscinski os apanhou, em plena queda livre. Kapuscinski, o polaco que em criança fugiu para Varsóvia para escapar à deportação na Sibéria e em adolescente vendeu sabão nas ruas da capital, quando cresceu desafiou os Deuses por toda a África, América Latina, Médio Oriente, Ásia, Europa Central e de Leste. Escreveu despachos de agência todos os dias. E ainda escreveu livros, que foi publicando por capítulos na imprensa. Só o livro sobre Angola em 75, "Mais Um Dia de Vida", está traduzido para português. É o único e chegou tarde. Faltam outros 16. Sairam-lhe do sangue.

PÚBLICO — Quando foi para a Universidade estudar História já sabia que queria ser jornalista e escrever livros?

Ryszard Kapuscinski — Na verdade eu queria estudar Filosofia mas, nesses tempos estalinistas, a faculdade de Filosofia estava fechada porque não havia suficientes professores de marxismo-leninismo. Então escolhi História, que era o que se aproximava mais. Depois deram-me a possibilidade de ficar na Universidade, de me tornar um académico. Mas eu recusei, queria viajar, precisava de viajar. Escolhi a História a acontecer, a História

verdadeira, não a dos livros. Como já escrevia poesia e tinha poemas publicados, acabei por ir trabalhar para as páginas culturais de um jornal. Tentava não me sentar muito no escritório, sair, ir às aldeias e escrever reportagens. Foi assim que comecei a ser jornalista.

A meio dos anos 50...

Em 1956, quando houve o primeiro movimento anti-estalinista na Polónia, como na Hungria. Foi a nossa Primavera, a primeira possibilidade de sair do país. Então o meu jornal enviou-me para a minha primeira reportagem fora, que foi à Índia, Paquistão, Afeganistão. Escrevi os artigos, foram bem recebidos. O jornal mandou-me a seguir para o Extremo Oriente: China, Japão. **Como eram as suas relações com o regime comunista. Que liberdade é que tinha?**

Claro que a imprensa era regulada pelo regime e travávamos as nossas lutas típicas, luta contra a censura, contra os limites nos assuntos a tratar... uma luta diária. Eu tinha um pouco mais de sorte porque escrevia sobre zonas remotas da terra, que ninguém conhecia. Por exemplo, escrevia artigos sobre Tanganica e ninguém sabia onde era! Não havia interesse nestes países. Se escrevesse sobre a Alemanha ou sobre a URSS seria diferente.



Mas o caso de Angola também era diferente.

Era diferente, mas sobre Angola eu estava a escrever reportagens literárias, não era política dura e crua, escrevia sobre atmosferas, sentimentos, climas. Claro que não podíamos falar da intervenção cubana, até ser anunciada oficialmente. Eu sabia disso mas não podia escrever. De qualquer forma, a Polónia não tinha nenhum interesse ali, a URSS sim, mas a Polónia não.

Então porque é que o mandavam para lá?

Não me mandavam. Eu era o único correspondente da PAP [agência polaca de notícias] para África. Então, quando alguma coisa acontecia, era meu dever cobrir o acontecimento. O trabalho nestas condições é tão perigoso que ninguém nos pode obrigar a ir. Os cor-

quatrocentas palavras... Eu sentia que toda a atmosfera, toda a riqueza do acontecimento se perdia. Tentava o mais possível guardá-la para os livros. Mas não tinha tempo. O grande sentimento de insatisfação é não ter escrito o que queria, realmente. Mas não havia outra hipótese porque as viagens eram muito caras e eu não as podia pagar. Então trabalhava noite e dia, noite e dia. E quando conseguia um pouco mais de força, um pouco de tempo, sentava-me e ia escrevendo os meus livros.

O que é que o manteve a andar, sempre a andar assim de um lado para o outro?

Curiosidade. Eu estava fascinado. Eu estou ainda fascinado. Era a História a acontecer. As pessoas a criarem a História sem sequer se aperceberem disso. O que eu estava a viver era a criação do Terceiro Mundo. É um fenómeno único na História do homem. Nunca antes acontecera e nunca mais voltará a acontecer. É um momento particular do meio do século 20. É o século das ditaduras, do nazismo, do totalitarismo — é o lado negativo. Mas há também o lado positivo que é essa libertação de 60 ou 70 por cento da população do nosso planeta. Ser testemunha disto, escrever sobre isto, era o que eu queria. Nunca quis ir a Londres, a Paris, nunca! E era essa a minha força, porque a competição aqui era ser correspondente em Paris, em Washington. Quando eu dizia que queria ir para Angola, toda a gente se ria. Eu ia para os lugares para onde ninguém queria ir. Às vezes os meus amigos recebiam um serviço para algum lugar terrível do planeta, e não queriam e eu oferecia-me, e eles ficavam muito felizes por os libertar disso. Foi assim que escrevi o livro sobre o Xá do Irão: eu ia no corredor da agência — vinha de um lugar qualquer em África — e lá estava

Eu estava fascinado. Eu estou ainda fascinado. Era a História a acontecer. As pessoas a criarem a História sem se aperceberem disso. O que eu estava a viver era a criação do Terceiro Mundo.

respondentes de guerra, em regra, vão por sua própria vontade.

Como é que distinguia e separava a matéria dos despachos que enviava, do que ia guardando nas suas notas, para talvez mais tarde escrever um livro?

Não se consegue fazer a distinção. Ser correspondente de agência é um trabalho muito duro, há que mandar o máximo de histórias, informações, comentários. Somos incapazes de pensar noutra coisa. Temos de mandar trabalho, de mandar todos os dias, aproveitando qualquer comunicação. Escrevemos tudo e mandamos tudo imediatamente. Depois disso, só depois, quando voltamos, é que há outras possibilidades. Mas como eu era o único correspondente para África, normalmente o que se passava é que havia imediatamente outro serviço, outra guerra, outro golpe de Estado. É assim: anda-se de um lado para o outro e não se tem tempo de pensar em nada... há milhares de problemas técnicos para resolver... como chegar ao próximo acontecimento... então esquecemos o que está para trás. Tenho 17 livros publicados. Mas se tivesse tido possibilidade de escrever o que vi dos lugares onde estive, teria escrito 100 livros! Na maior parte dos casos, em 90 por cento dos casos, não há tempo de escrever nada, para além do que é nosso dever. Os livros que escrevi são tirados do meu sangue, das minhas forças. Ninguém me pediu que os escrevesse.

Quando é que decidia que um assunto seria um livro? Quando sentia que a cobertura feita não bastava?

Sim, a cobertura de agência é muito curta, rápida, superficial. A linguagem é muito pobre, usamos trezentas,

o meu amigo, muito deprimido porque tinha de ir para Teerão cobrir a revolução iraniana. Eu disse-lhe: vou no teu lugar. E fui. Não sabia nada sobre o Irão, comecei imediatamente a aprender, estive lá um ano, cobri tudo o que aconteceu e escrevi o livro.

Nas situações limite, em que pode morrer, em que não sabe o que se segue, o que é que o ajuda a prosseguir?

Não se pensa nisso. Pensa-se em fazer o trabalho. Pensa-se em continuar. Uma vez um colega ajudou-me quando eu ia para Somália ou para Angola. Ele disse: quando nós aceitamos esta profissão, aceitamos que podemos ser mortos a dada altura, faz parte do trabalho. E é verdade. Claro que há medo. Quando eu fui para Angola estava convencido de que não voltaria mais. Perguntaram-me: há esta possibilidade, queres ir? Eu fui. Quando vemos a situação de longe parece sempre mais terrível. Porque, uma vez lá dentro, estamos ocupados com milhares de pormenores — o que vamos comer, onde é que nos vamos esconder... e isto mantém-nos ocupados. Não perdemos tempo a pensar se aquilo é um inferno ou não.

Mas quando é ameaçado de morte, quando é regado com benzina, como lhe fizeram na Nigéria, ou está quase a congelar, como na Sibéria...

Não penso, não penso nisso.

Porque também é um desafio pessoal?

Sim. O essencial é chegar aos lugares e conseguir trabalhar. Porque os sítios de conflito são sítios de mentira. Toda a gente mente. A primeira baixa que se regista numa guerra é 'a verdade'. Não há forma de tra-

çar o retrato verdadeiro do que está a acontecer. Repare neste caso do Ruanda. É um disparate o que se está a escrever! Não pude ir recentemente ao Ruanda, mas estive lá muitas vezes antes. E estão a escrever-se monstruosidades!

Os repórteres que lá vão?

Sim. Vão os media de todo o mundo, centenas de jornalistas que não têm ideia de onde fica África, ou do que é o Ruanda! Se não se estuda e não se vai aos sítios, é muito difícil trabalhar. É preciso conhecer os sítios.

Está a referir-se ao tipo de jornalismo que a CNN faz? E a cobertura do Golfo, por exemplo?

[Respira fundo] Recusei-me a ir lá. Era um disparate, não havia trabalho para jornalistas, ali.

Porquê, porque era uma guerra artificial?

Os jornalistas só estavam num hotel e todo o trabalho era receber o comunicado das forças americanas. Não podiam sair do hotel. Recuso-me a aceitar este tipo de jornalismo. Mas o Golfo é uma excepção. Claro que há muitos perigos no jornalismo actual. Um deles é a massificação: há um golpe em Moscovo e toda a gente vai para Moscovo. Há o Golfo e todos vão para o Golfo. A competição é enorme. A força que os move não é cobrir o acontecimento mas competir com os outros. Se a CNN vai, a ABC vai. Descrevo isto em "The Soccer War". Nas Honduras, toda a gente queria ir embora mas ninguém se atrevia a confessar, porque lá estavam os outros. Mas não estava acontecer nada!

Qual é a alternativa?

Não há alternativa. O jornalismo tornou-se mais superficial, não se diferenciam os estilos, já não há grandes nomes. O que eu tento fazer agora é uma espécie de jornalismo ensaístico, que explique as motivações, o

nas ruas, são pessoas com sorte, em comparação com as pessoas que vivem nas povoações.

Está a falar de povoações muito pequenas?

Não necessariamente. Algumas são grandes. O conceito de povoações é muito europeu. Frequentemente as tribos africanas vivem de uma forma muito dispersa, as povoações podem estender-se por 20 quilómetros, não são como as povoações europeias, ao longo da estrada, não há concentração das casas. Há famílias dispersas, a viverem independentes sem sequer comunicarem entre si. É um paradoxo. Por exemplo, um rio como o Nilo tem cem nomes diferente em África! Cada quilómetro é povoado por gente que baptiza o rio de acordo com a sua própria língua, que é diferente da língua dos vizinhos. A mesma água muda a cada passo. Eles não têm sequer uma noção do rio inteiro, não podem imaginar que esse rio corre ao longo de centenas, milhares de quilómetros. Para eles existe um fragmento particular de água que vem do nada e prossegue para o nada. É fascinante. Dá-nos a ideia de uma dimensão diferente do tempo e do espaço.

Como é que o receberam? Estava sozinho, falava a língua deles?

Viajo sempre sozinho. E não falava as línguas, são tantas é impossível.

Como é que fazia?

Geralmente há sempre alguém que fala uma língua europeia. Um professor, um padre, um mercador que veio de férias, um rapaz que esteve na escola. Há sempre alguém que fala francês, português, inglês... o mais difícil é ser aceite numa casa e depois viver lá. Nos países áridos, como o Mali ou o Senegal, é realmente terrível. Às seis da tarde é de noite, não há luz, e durante

O único lugar que sobra hoje para a escrita são os livros. O jornalismo diário foi engolido pela televisão. Mas ainda há boa escrita diária nos jornais. Os jornais ambiciosos vendem.

comportamento das pessoas, as forças. Que seja uma combinação com a Antropologia, com a História. O único lugar que sobra hoje para a escrita são os livros. O jornalismo diário foi engolido pela televisão. Mas ainda há boa escrita diária nos jornais. Os jornais ambiciosos vendem, existem, têm futuro. Não são é para as massas. "El Pais" é um excelente jornal, "Corriere della Sera", "Die Deutsch Zeitung", "The Independent", há vários. Também há excelentes semanários. Não há é tempo para os ler todos. Não consigo ler nem cinco por cento da boa imprensa.

Em que países esteve, na sua última viagem?

Senegal, Mali, Libéria, Nigéria, Camarões. Foi há três anos. Queria escrever um livro sobre a minha experiência africana, em geral. E de repente descobri que não tinha suficiente experiência pessoal da vida nas povoações. Então parti. Não foi fácil. Não é fácil aos europeus chegarem lá e serem aceites. E pela primeira vez vi África com uns olhos diferentes. Apesar dos meus 40 anos de experiência africana.

O que nós sabemos sobre África, o que nós escrevemos na imprensa europeia... nós escrevemos sobre a África das cidades, da política, dos exércitos, a África militar. Esta é uma África totalmente diferente, a das povoações. A vida é muito, muito má, é terrível. Vimos de um qualquer país europeu para qualquer cidade africana e ficamos chocados com os bairros de lata, os desempregados, os pedintes, etc. Dizemos então: que horror, como podem as pessoas viver aqui! Mas não sabemos que estas pessoas, a viverem nos bairros de lata e a pedirem

doze horas as pessoas nem têm um archote. Nos mercados perto da cidade, os archotes eléctricos custam 400 francos senegaleses, menos de um dólar, e as pessoas não têm menos de um dólar.

Não podem fazer fogueiras?

Podem, se tiverem madeira. É preciso trazer a madeira, na cabeça, de muito longe. Primeiro é preciso encontrar madeira. Mas não é bem madeira verdadeira, são ramos partidos que as mulheres levam na cabeça. É tóxico. Depois é preciso economizá-la, porque estamos praticamente no deserto, não há madeira. Então na escuridão completa, só se ouvem as vozes, as pes-



soas estão a contar histórias, são histórias locais, eu não as posso entender, mas ouço as vozes. Normalmente são as histórias do dia, do que aconteceu.

Às dez, onze da noite, as vozes tornam-se mais lentas, começam a descer. E subitamente há um silêncio. É a hora de dormir. Eu queria dormir ao ar livre, porque fazia muito calor. Mas eles não me permitiam, por causa das cobras, dos escorpiões, insistiam para eu ir para dentro de casa. Uma casa tipicamente africana, claro, muito pequena, com três divisões. Na primeira, dorme a avó com os netos, vinte crianças, uma grande confusão de crianças a dormirem umas por cima das outras. Na segunda divisão dorme o marido — quando há um marido —, a mãe destas crianças e alguns primos, gente adulta. A terceira divisão é para mim, porque sou o convidado. O chão é de terra argilosa, muito, muito duro. Estamos vestidos assim [aponta para a roupa que traz], com uma camisa, porque não há água, nem nada. Ao fim de cinco minutos cada osso começa a doer.

Não põem nada em cima da terra, para amortecer?
Não. Põem a argila, que é muito dura. Portanto estamos ali e não conseguimos dormir. Então chegam os mosquitos. Há um tecto, mas não há portas, nem janelas. É o horror. É torturante, não há forma de dormir.

Eles dormem?

Dormem e não dormem. As crianças dormem, é como se estivessem mortas.

Não há nada para proteger o corpo, uma planta, um unguento?

Não, não há nada. Às seis da manhã o sol chega subitamente, como é próprio dos trópicos. E agradecemos o sol porque nos tira daquela tortura, mas o dia está a começar e já estamos cansados. As raparigas vão ao rio buscar água, trazem do rio Senegal a água. E nós temos

ções, nas zonas ricas. Porque no Sudão vemos as pessoas morrerem mesmo.

Quando é que esteve no Sudão?

Estive várias vezes. Mas a última vez foi no tempo da fome, em 88 ou 89. Agora estou a escrever a história da minha viagem à fronteira do Sudão, onde estão os refugiados. São milhares e milhares de pessoas, ali, a morrer. Descobrimos que há estes lugares onde morrem pessoas, completamente isoladas. E ninguém sabe.

Como é que chegou lá?

Tive muita sorte. Estava com pessoas que ocasionalmente são autorizadas pelo Governo a entrar no território, de avião. O Governo do Sudão quer matar as pessoas não lhes dando comida, quer matá-los à fome. Eu viajei com o Alto Comissário Para os Refugiados. Mas isto é muito raro. Normalmente não há qualquer contacto com estas pessoas, elas morrem, a cada dia, neste instante estão a morrer. E não há solução para isto. É uma guerra de que ninguém sabe, a morte de tribos inteiras, que desaparecem, em completo silêncio.

Quando chega a um lugar assim, qual é o seu objectivo? O que é que faz?

Nada. Estamos ali por pouco tempo. Vemos, fazemos umas fotografias. As possibilidades são muito limitadas. Não podemos ficar ali. O avião levantará e é a nossa única hipótese de sairmos. A situação é completamente desesperada, não há solução. As soluções são políticas e internacionais. A decisão de matar estas pessoas vem do Governo e ninguém pressiona o Governo. Na Libéria, durante a minha última viagem pelas povoações, era impossível deixar a capital, Monróvia, que estava cercada por tropas, com a guerra civil. O problema da África actual é que o Estado está muitas vezes no mapa, mas é uma ficção, é não existente. Há apenas a

O problema da África actual é que o Estado está muitas vezes no mapa, mas é uma ficção. Há apenas a capital e embaixadas. Quando deixamos este lugar encontramos a realidade

sede e bebemos aquela água, porque não há outra. A água também serve para a lavagem, a lavagem do rosto. Eles desenvolverem uma aptidão especial para se lavarem com muito pouca água.

O rio está muito longe?

Não está muito longe, mas eles não têm esse hábito, de irem todos ao rio de manhã. Simplesmente lavam a cara. Depois começa uma parte delicada: o problema do pequeno-almoço. Frequentemente eles não têm nada para comer. Então não comem. Se se é convidado, fazem um chá e oferecem um biscoito.

De onde vêm os biscoitos?

Compram-nos na cidade e guardam-nos para as crianças ou para convidados especiais. Eu vi pessoas irem trabalhar para os campos todo o dia, sem comer, apenas com uma pequena garrafa de água para todo o dia.

À noite, comem?

Comem, se houver comida. Não estou a falar de Dacar [capital do Senegal], estou a falar destas povoações, onde a diferença entre os ricos e os pobres é a quantidade de comida. É a única diferença. Por exemplo, quanto arroz tem cada pessoa. Se tem meia chávena de arroz para um dia, é pobre. Se tem cinco chávenas de arroz é rico. Mas comem todos o mesmo. E quando há festa, é a mesma comida, a grande festa significa muito arroz. Toda a gente vem e come infindavelmente deste arroz, que é um arroz do deserto, não é como o arroz oriental, são grãos mais pequenos. Comem quanto podem e é uma grande festa.

Estes são os exemplos positivos, são as boas povoa-

capital e embaixadas estrangeiras. Quando deixamos este lugar de ficção encontramos a realidade que é completamente diferente.

No Mali, fui para o norte, na fronteira com a Argélia, onde uma delegação ministerial se preparava para estabelecer uma administração local. Quarenta anos depois da independência! Não existia nada, nada! Ninguém, nenhum poder, nenhuma autoridade, excepto sociedades muito tradicionais, reis de tribos, etc. Para atrair as pessoas, a delegação trazia alguma comida, milho, farinha de milho, então as pessoas vinham porque queriam comer. Elegeram alguém, um chefe qualquer... a delegação partiu e a vida continuou a ser como sempre foi, desde há centenas de anos.

Nos países com guerra, cada senhor da guerra controla o seu próprio território, tem o seu próprio exército. Vivem de diamantes que são explorados localmente e imediatamente enviados para o mercado negro na Europa. O lugar onde eu vivia, em Monróvia, estava cheio de brancos, a beberem whiskie. Eram os mercadores do mercado negro, ali à espera. As pessoas vinham ter com eles, traziam os diamantes, eles compravam-nos muito baratos e quando tinham acumulado o suficiente partiam para a Europa. E é assim que estes senhores da guerra vivem: vendendo os diamantes aos agentes do mercado negro, que os vendem na Europa. É por isso que é praticamente impossível acabar esta guerra em Angola, com Savimbi, que vive dos diamantes. Quando se tem uma guerra em que os diamantes estão envolvidos, essa guerra é constante, é a guerra dos diamantes. ●